

JORNAL DE JORNAIS

Folhas de um diário

NOVEMBRO 29—Releitura da «Cartilha do Marialva», de José Cardoso Pires, na nova edição correcta e aumentada com coisas que tinha na gaveta, como quase todos temos. Tenho por este livro um grande apreço, porque ele faz a «denúncia literária» do fenómeno que mais tem contribuído para o nosso «em vias de desenvolvimento»: o machismo nacional. Creio que, nas sociedades de hoje, o grande obstáculo ao conhecimento e ao progresso é o enorme peso da

inércia que dá a «maioria silenciosa» o conforto da segurança, nem que seja a segurança da miséria e da morte; mas nós, a acrescentar a esta estática, temos ainda a dinâmica do machismo: o obscurantismo actante e de boa consciência numa posição frontal a qualquer idela de compreensão, conhecimento, interrogação e respeito.

Os retratos-robots» de D. Luís da Cunha, D. Francisco Manuel de Melo e do Cavaleiro de Oliveira, de João Abel Manta,

que ilustram esta edição da «Cartilha», também merecem ser referidos. Aí mais uma vez o humor de João Abel resolve situações irresolúveis. Como fazer o retrato de quem não deixou retratos? Pelo retrato-robot». João Abel Manta põe assim a criminologia ao serviço da História e da literatura, fazendo os retratos pelas descrições dos contemporâneos. De resto, creio que é através do humor que João Abel Manta humaniza a sua muita inteligência e a violência da sua força crítica. O seu racionalismo agressivo sai pelo bico da pena que exprime «una ansia cercada, prisionera, por las hastes buscando la salida», como no soneto do touro de Raphael Morralles.

Chamei a este livro uma «denúncia literária» porque não encontro outro nome na toponímia da literatura para lhe atribuir. Alguns críticos disseram, e continuarão a dizer, que lhe faltam erudição e investigação para ser um ensaio. Eu direi também que este fenómeno necessita que um antropólogo lhe pegue com o jeito que lhe é próprio e ponha a nu, com estudo e documentos, a sua permanência histórica e a sua manifestação, continuada através da nossa paisagem social, de modo a poder localizar a fonte, o processo e, se possível, a cura deste «terrível flagelo»: fazer o que Dominique Fernandez conseguiu em «Mériditerranée» sobre o machismo italiano. Creio, porém, que nada disto tira a importância de um livro que já pode ser tratado como um clássico das letras nacionais.

Não sei se as pessoas se dão bem conta do marialvismo entranhado na nossa estrutura social, que se manifesta nos costumes amorosos, evidentemente, mas que se insinua subtilmente no nosso dia-a-dia onde a mulher, o selim e o copo, na mesma condição coisificada, são elementos subjacentes à textura da nossa sociedade e ao «poder» do homem, independentemente da forma como o usa.

Já ouvimos um ministro da Economia fazer o elogio público do cavalo com uma veemência que nunca nenhum homem público pôs no elogio da inteligência, e, há alguns anos atrás, um saudoso presidente da República proclamava, lapidar, na inauguração da Feira de Santarém: «Homem de cavalos, se não tivesse sido militar teria sido lavrador!»

Peço a um realizador de cinema que ande aí, nos dias da semana, pelas nossas repartições, suba aos restaurantes onde se fazem os almoços político-económico-sociais, e, sobretudo, passe ao sábado à noite ali pela Rua das Portas de Santo Antão e «chape» aquelas alcateias de homens a despir com os olhos e a murmurar gracinhas de alcova a uma ou outra que, ou porque desconhece os costumes dos nativos ou porque conhece os costumes dos nativos, se aventurou a atravessar aquele «túnel do amor».

Um dia se descobrirá que esta é uma sociedade que nunca conheceu o amor através do sim ou do não das pessoas, mas pelos vários contratos de compra e venda das coisas, que vão desde a forma e os motivos por que se casam até à prostituição «tout court». Que isto não é um fenómeno marginal mas que está no cerne da nossa estrutura, leia-se a poesia portuguesa, dos trovadores à Presença, inclusive, e veja-se como se cantou o amor neste país.

O marialvismo, do amor aos outros maus costumes, terá na «Cartilha» a sua grande denúncia. Outros livros terão de vir, mais eruditos e documentados; mas, assim como, perante o caso Dreyfus, não foi o trabalho do advogado Labori quem efectivamente o resolveu mas foi a denúncia literária de Zola e o seu «J'Accuse» o instrumento efectivo que o deu a conhecer, do mesmo modo os netos dos nossos netos saberão pela «Cartilha» e não por um livro de boa e pesada erudição, o que os seus avôzinhos marialvas iam fazendo deste País e que, com silêncio e unção, se ouviam coisas assim: «Eu cá p'ra mim — Não há — Aí não — Maior prazer — Do que selim e a mulher — Rédeas na mão, — correr, sorrir, amar, esquecer, — e digam lá se isto é descer!»

E, é descer e muito».

António Alçada Baptista,
em «Vida Mundial»